

# Mário Laginha

## piano

04 jul 2024  
21:00 Sala Suggia

CICLO DE PIANO

Num percurso que nos acompanha há cerca de quatro décadas e que marca a música portuguesa — o jazz e muito para lá do jazz —, Mário Laginha gravou um só disco de piano a solo: o belíssimo *Canções e Fugas*, de 2007. Em concerto, as actuações a solo vão acontecendo, aqui e ali, mas o seu “prazer em tocar com pessoas” tornou muitíssimo mais frequente a partilha do palco e das gravações com outros músicos. Como se imagina, o pianista nunca se desabitou nem deixou de gostar de tocar a solo. Mas acredita que a sua afinidade com a composição, com a ideia de apresentar algo novo que justifique a edição de cada novo disco, poderá tê-lo levado a adiar o projecto. Diz-nos que é uma espécie de autocensura — “Se não é para dizer algo de especial...” — e censura-se por isso — “(...) isto é perigoso, porque a pretensão de dizer algo de especial limita-nos, e acho que uma pessoa tem de, ao mesmo tempo, ter a coragem de arriscar, naquele momento, não ser genial — mas ser verdadeiro. A verdade e a imperfeição são coisas de que eu também gosto. Portanto, entre querer fazer coisas maravilhosas, inesquecíveis, e aceitar que sou só um ser humano, que toca piano, que estuda e gosta de tocar piano, de vez em quando esta segunda faceta tem de ganhar à outra. (...) De repente, uma pessoa dá por ela e tem 80 anos, e pensa: ‘eh pá, se calhar devia ter feito!’ Eu queria fazer isto e lancei-me”.

Se *Canções e Fugas* era um disco conceptual e até com várias peças (as fugas) inteiramente escritas, sem secções improvisadas, a música deste concerto — que dará também forma a um disco, já gravado mas ainda inédito — tem outros contornos. Daí a primeira pergunta que lhe lançámos: compor para piano a solo é diferente de criar música para tocar com outras pessoas? “Normalmente penso para que formação vou escrever. (...) Claro que, às vezes, escrevo para trio e penso: este tema pode ter vida autónoma, sem outros músicos. Aconteceu com um destes temas. Escrevi-o para tocar com o trio (piano, contrabaixo e bateria), já o toquei com o trio, e depois comecei a achar que ficava bem a solo. E gravei-o”. O tema é *No segundo dia* e não estava ainda registado em nenhum disco, tal como os restantes deste alinhamento. Sobre esse processo, acrescenta que habitualmente escreve não só pensando numa formação específica, como também nos músicos que a vão tocar — “Se eles têm características que eu admiro, tento ir para aí. Nunca imagino: vou fazer uma coisa contranatura para eles, para os desafiar. Esse não é um impulso que eu tenha. Tenho às vezes o impulso de fazer música difícil, mas não é para os chatear ou para os desafiar. É só porque saiu assim”. Confessa-se, aliás, avesso ao fascínio vazio pela técnica e pela complexidade, sem que estas sirvam a música. “Sempre que faço uma coisa complexa, é porque

acho que a música está a pedir aquilo ali, não é porque eu queira mostrar uma aptidão minha qualquer”.

Na conversa tida há poucos dias com Mário Laginha, quisemos saber até que ponto poderíamos acrescentar pequenos apontamentos sobre os vários temas que fazem parte deste programa. Nem sempre será fácil, provando que a música se basta a si própria, particularmente quando surge do mais íntimo do artista que, admita-se, não tem obrigação nenhuma de a explicar. “No meu caso, quase 100% das vezes a música aparece por si. É a música. Depois, quando já está feita e estou a ouvi-la, (...) aquilo faz-me imaginar qualquer coisa. Quando isso acontece, é mais fácil aparecer um nome. Outras vezes não é tão claro”. É assim natural que sejam de diversos teores os comentários que o pianista nos oferece sobre as diferentes peças deste concerto, ora explicando a origem do título, ora mostrando peculiaridades da música. Todos eles nos parecem preciosos para quem vem apreciar a música de Laginha.

O concerto começa com *Improviso I*, um início a partir do vazio, “sem pensar em nada, para ver o que acontece. Essa liberdade, muitas vezes, dá resultados surpreendentes, nas várias direcções, mas acho que tem um certo apelo, para o músico e para quem ouve”.

*Mãos abertas* é uma peça baseada numa linha de baixo na mão esquerda, complexa, muito melódica e sincopada, num estilo que nos parece estar no ADN do pianista — quem ouvir o tema *Há Gente Aqui* (do álbum *Cor*, com Maria João) poderá perceber algo em comum: o fascínio por fazer jogar um *groove* intenso da mão esquerda com uma melodia na direita. A vertigem do contraponto. Ao identificar aqui a cara de Mário Laginha, perguntámos de onde vem esta predilecção. “Eu sei exactamente de onde veio. Quando comecei a estudar fiquei um bocado obcecado pelo Keith Jarrett. O universo sonoro não era bem este, mas ele tinha muito a coisa de ter na mão esquerda um balanço qualquer e depois começar a solar por cima. (...) Eu achei aquilo incrível, e passei uns anos com a ideia de tentar criar essa independência, de conseguir estar a fazer um baixo e solar por cima”. O título vem dessa exigência feita à mão esquerda, sempre muito aberta — “nunca facilitas a tua própria vida!”, reclama o pianista consigo próprio —, e também soa a uma ideia de “generosidade, ou de dar alguma coisa a alguém”.

*No segundo dia* chama-se assim por um motivo prosaico. “Eu queria escrever um tema para tocar com o trio, e queria que tivesse um balanço um bocadinho de rock.” Esse balanço, bem disfarçado, descortina-se se imaginarmos o movimento da mão esquerda como um bombo e uma tarola — as duas notas mais



casa da música

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA



PATROCINADOR VERÃO DA CASA



graves são o bombo, o acorde é a tarola. “Eu tinha começado no primeiro dia do ano a tentar ver se vinha uma ideia. Mas a ideia só veio no segundo dia. Depois andou depressa, e escrevi o tema no segundo dia. Ficou *No segundo dia*.”

Mário Laginha compôs a música para *Campo de Sangue* (2022), um filme de João Mário Grilo inspirado no romance de Dulce Maria Cardoso. Daí retirou um tema do qual gostou especialmente e que quis gravar de modo independente do filme. A ligação ao universo da escritora não deixa de estar presente, quanto mais não seja porque o tema não existiria sem a obra literária e o filme, pelo que decidi dar-lhe o nome de outro livro da escritora, *Retorno*.

O “stride piano” é um estilo pianístico de ritmo muito marcado, em que Mário Laginha se inspirou para dar corpo a *Another Kind of Stride*. Na verdade, escreveu uma peça, também ela, de ritmo marcado e imparável, mas inverteu as prioridades alterando por completo a forma como se ouve. Aqui, a melodia surge sempre por antecipação em relação ao acorde que a sustenta. E, sendo a harmonia tudo menos previsível, só percebemos o significado (harmónico) de cada nota da melodia um instante depois, quando o seu acorde de apoio aparece. Cada passo da melodia é uma incógnita durante uma fracção de segundo. Ainda que o ouvinte seja leigo e se torne difícil dar-lhe a entender como “a melodia diz coisas diferentes consoante o acorde”, certamente irá perceber que a audição desta peça suscita sensações bem diferentes do habitual, uma espécie de flutuação a poucos centímetros do chão.

*Coral n.º 3*, uma peça mais lenta e imaginada literalmente como um conjunto de vozes em movimento, sem improvisado, antecede a segunda peça inteiramente sem rede, *Improvisado II*. Depois, *Coisas que se movem* leva-nos para os momentos de agitação e confusão de crianças que brincam e correm, aparecendo por onde menos se espera e desaparecendo com a mesma velocidade — uma ideia recorrente na imaginação de Mário Laginha e que vai dando origem a diversos títulos na sua obra. A peça aproveita esse movimento instável e enquadra-o num ambiente denso e intrincado, mas muito animado, como “quando os miúdos às vezes estão em sintonia, outras vezes não; às vezes entendem-se e outras não”. A expressão “coisas que se movem” foi tomada de empréstimo de um livro de poesia de Daniel Faria.

*Santo Amaro* é uma aldeia da ilha do Pico, um lugar “absolutamente mágico”. Dá título a um tema lento que homenageia a aldeia e transmite a paz que se encontra naquele sítio especial para o pianista.

O último tema do alinhamento é *Batuque*. Nasceu de um convite da Orquestra Geração, uma iniciativa de inclusão social inspirada no *El Sistema* da Venezuela, que já conta 17 anos de actividade em Portugal. No âmbito do projecto “B-Me: Blending Melodies: Bridging Cultural Identities”, co-financiado pela União Europeia, orquestras congéneres de Portugal, Grécia e Chipre convidaram compositores locais para trabalhar com membros das suas formações oriundos de comunidades migrantes, criando pontes entre as diferentes identidades culturais. Mário Laginha trabalhou com a cabo-verdiana Edvânia Moreno, que lhe sugeriu como mote o *batuque* de Cabo Verde, um estilo tocado tradicionalmente por mulheres em que sobressai uma métrica híbrida de três contra dois tempos. A peça orquestral foi então escrita a partir de um tema de Laginha que precisava de um nome e assim se tornou

*Batuque*, agora apresentado na sua versão em piano solo. Uma marca, também, do enorme interesse do pianista pela música africana. “Vem da adolescência, curiosamente (...) não foi uma coisa incentivada”, diz-nos Laginha. “Eu ia para a [Livraria] Buchholz, aqui em Lisboa, e tinham discos de recolha, acho que eram de uma editora francesa. Coisas africanas, às vezes eram tribos. E eu punha-me a ouvir aquilo... ‘Eu adoro isto!’ (...) melodias simples mas sempre com uma magia qualquer”. Uma influência muitas vezes presente na sua música — “às vezes acho que ninguém nota, mas eu sinto que está lá”.

FERNANDO PIRES DE LIMA, 2024\*

## Mário Laginha piano

Com uma carreira de mais de três décadas, Mário Laginha é conotado com o mundo do jazz. Mas a sua música passa também pelas sonoridades brasileiras, indianas, africanas, pela pop e pelo rock, e pelas bases clássicas que o formaram.

Gravou um disco a solo, *Canções e Fugas*, mas gosta de partilhar a sua arte com outros músicos e criadores. Desde logo, com Maria João, com quem gravou mais de uma dezena de discos (*Iridiscente* é a sua última aventura musical com a cantora). E também com Pedro Burmester e Bernardo Sasseti, com quem cultivou grande cumplicidade, e com músicos como Trilok Gurtu, Gilberto Gil, Lenine, Ralph Towner, Manu Katché, Julian Argüelles, Howard Johnson, André Mehmari ou Django Bates.

Em finais de 2013, Mário Laginha e o seu Novo Trio lançaram *Terra Seca*, um disco inovador para o jazz e a música portuguesa. Em finais de 2015 retomou a colaboração com Pedro Burmester, com quem tem participado em importantes festivais de música em Portugal e no estrangeiro. Em 2017, com os músicos Julian Argüelles e Helge Norbakken, editou em Inglaterra o álbum *Setembro*. Em 2018 iniciou uma longa tournée com Camané, que culminou com a gravação do premiado álbum *Aqui está-se sossegado*. Em 2020 editou *Atlântico*, o segundo título do LAN TRIO (Laginha, Argüelles, Norbakken). Em 2021 continuou os concertos com Pedro Burmester, com Camané e com o seu Trio (Bernardo Moreira e Alexandre Frazão), com o qual gravou um novo disco, *Jangada*, editado pela Editions Records em 2022.

Colabora regularmente com a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Metropolitana de Lisboa e a Orquestra Filarmonia das Beiras.

Para 2024 tem prevista a edição de um álbum de originais para piano solo.

\* O autor não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.